

SENDAS & VEREDAS

Scarlett Marton (org.)

Nietzsche em
chave hispânica



SENDAS & VEREDAS

Série Recepção

SENDAS & VEREDAS

Scarlett Marton (org.)

Nietzsche em
chave hispânica



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nietzsche em chave hispânica / Scarlett Marton, (org.). -- São Paulo :
Edições Loyola, 2015. -- (Sendas & veredas. Série recepção)

Apoio: GEN – Grupo de Estudos Nietzsche
ISBN 978-85-15-04273-9

1. Filosofia alemã 2. Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844-1900 –
Crítica e interpretação I. Scarlett, Marton. II. Série.

15-02370

CDD-193

Índices para catálogo sistemático:

1. Nietzsche : Filosofia alemã

193

Coleção Sendas & Veredas

GEN – Grupo de Estudos Nietzsche

Editora responsável: Scarlett Marton

Universidade de São Paulo (USP)

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Av. Prof. Luciano Gualberto, 315

05508-900 São Paulo, SP

www.gen.fflch.usp.br

Capa: Walter Nabas

Retrato de Friedrich Nietzsche, 1882;

uma das cinco fotos do fotógrafo Gustav Schultze,

Naumburg, tiradas no início de setembro de 1882.

<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Nietzsche1882.jpg>

Diagramação: Ronaldo Hideo Inoue

Revisão: Vero Verbo Serviços Editoriais

Edições Loyola Jesuítas

Rua 1822, 341 – Ipiranga

04216-000 São Paulo, SP

T 55 11 3385 8500

F 55 11 2063 4275

editorial@loyola.com.br

vendas@loyola.com.br

www.loyola.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

ISBN 978-85-15-04273-9

© EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 2015

Sumário

Um novo marco Acerca da recepção de Nietzsche na Espanha Scarlett Marton	7
CAPÍTULO 1 Nietzsche na Espanha Marco Parmeggiani Fernando Fava	11
CAPÍTULO 2 Alcance e limites da recepção de Nietzsche no contexto acadêmico espanhol (1939-1975) Francisco Ares-Doz	61
CAPÍTULO 3 Vontade de potência e interpretação como pressupostos de todo processo orgânico Diego Sánchez Meca	87
CAPÍTULO 4 Nietzsche ou a eternidade do tempo Diego Sánchez Meca	117
CAPÍTULO 5 A dimensão estética do jogo na filosofia de Nietzsche Luis Enrique de Santiago Guervós	133

155	CAPÍTULO 6 O “giro retórico” de Nietzsche Manuel Barrios Casares
181	CAPÍTULO 7 A filosofia da linguagem em Nietzsche Joan B. Llinares
219	CAPÍTULO 8 A crítica de Nietzsche ao romantismo Remedios Ávila Crespo
249	CAPÍTULO 9 Nietzsche: o pluralismo e a pós-modernidade Marco Parmeggiani
267	CAPÍTULO 10 Niilismo e pós-humanidade na cultura contemporânea Nietzsche contra Sloterdijk Manuel Barrios Casares
299	Sobre os autores

**Um novo marco
Acerca da recepção
de Nietzsche na Espanha**

Scarlett Marton

À Espanha e aos espanhóis, Nietzsche se refere em vários momentos de seus escritos. Assim é que, em diversas cartas, manifesta o desejo de conhecer o país, movido pela busca de um clima adequado à sua saúde¹ ou pelo entusiasmo despertado pela *Carmen* de Bizet². Repetidas vezes, aos amigos escreve esperançoso em encontrar quem possa acompanhá-lo na viagem³ ou animado com o projeto de instalar-se em Barcelona⁴ ou de seguir para Valência, assim que tiver o domínio da língua⁵. Mas não se sabe ao certo quanto conhecia do idioma. Numa anotação póstuma de 1873, chega a escrever em espanhol: “Defenda-me Deus de mim”, traduzindo a frase em seguida para o alemão⁶; numa carta de 1883, porém, relata que se senta à mesa em sua pensão em Nice com um espanhol com quem se entende em italiano⁷.

Não há dúvida de que Nietzsche se interessa pela literatura e arte espanholas. Nas obras de Shakespeare, nota a influência da língua praticada na corte de Isabel, com sua exuberância de imagens⁸; em Corneille, percebe a conversão do teatro popular espanhol num teatro de corte erudito⁹. Mas não deixa de queixar-se da honra e da devoção presentes nos dramaturgos espanhóis¹⁰. Ao mesmo tempo que declara não se sentir ofendido pela vulgaridade de um romance de aventuras espanhol¹¹, julga Cervantes “parte da decadência da cultura espanhola”; em vez de combater a Inquisição, ele ridicularizou suas vítimas, por isso mesmo “é uma desgraça nacional”¹².

¹ Cf. carta a Heinrich Köselitz de 16 de março de 1883, KSAB 6.343.

² Cf. carta a Heinrich Köselitz de 5 de dezembro de 1881, KSAB 6.145.

³ Cf. carta a Franz Overbeck de 20 de janeiro de 1883, KSAB 6.319.

⁴ Cf. cartas a Heinrich Köselitz de 20 de março e de 24 de março de 1883, respectivamente KSAB 6.346 e KSAB 6.350. Cf. também cartas a Franziska e Elisabeth Nietzsche de 22 de outubro e 4 de dezembro de 1883, respectivamente KSAB 6.449 e KSA 6.459.

⁵ Cf. carta a Franz Overbeck de 6 de dezembro de 1883, KSA 6.461.

⁶ Cf. *Fragmento póstumo* 29 [28] do verão-outono de 1873, KSA 7.636. Cf. também *Fragmento póstumo* 29 [182] do verão-outono de 1873, KSA 7.706, em que, depois de assegurar que o homem pouco conhece de si mesmo, o filósofo arremata: “por isso, o espanhol antigo dizia ‘Defenda-me Deus de mim’”.

⁷ Cf. carta a Franziska e Elisabeth Nietzsche de 25 de dezembro de 1883, KSAB 6.464.

⁸ *Fragmento póstumo* 19 [95] de outubro-dezembro de 1876, KSA 8.353.

⁹ *Fragmento póstumo* 1 [81] do outono de 1869, KSA 7.36.

¹⁰ *Fragmento póstumo* 23 [42] do final de 1876-verão de 1877, KSA 8.419.

¹¹ Cf. *A gaia Ciência* § 77, KSA 3.432.

¹² *Fragmento póstumo* 23 [140] do final de 1876-verão de 1877, KSA 8.454.

Dentre as passagens em que Nietzsche se refere à Espanha e aos espanhóis, é digna de nota uma anotação póstuma de 1873. Nela, ele afirma concordar com Juan Huarte, “que dizia dos alemães que tinham boa memória e pouco juízo; seu juízo era parecido com o dos bêbados, porque a quantidade de umidade no cérebro e no resto do corpo não lhes permite penetrar na natureza das coisas”¹³. Essa passagem merece destaque por dois motivos. Por um lado, chama a atenção o fato de Nietzsche interessar-se precisamente por esse autor. Filósofo e médico espanhol do século XVI, Juan Huarte escreveu importante tratado, *O exame dos espíritos para as ciências*, que, traduzido em sete línguas, o tornou conhecido em toda a Europa; tudo indica que é o primeiro tratado de medicina a estabelecer estreita relação entre a psicologia e a fisiologia. Se à primeira vista o interesse de Nietzsche causa surpresa, o conhecimento de seus textos posteriores nos leva a pensar que em 1873 ele já havia encontrado em Juan Huarte uma temática que mais tarde virá a desenvolver a seu modo, como bem mostram suas considerações acerca das diferentes condições fisiopsicológicas. Por outro lado, importa notar que desde cedo Nietzsche manifesta a recusa de todo e qualquer vínculo com a Alemanha da segunda metade do século XIX. Ao contrário de seus compatriotas, os espanhóis, a seu ver, merecem ser elogiados pelo orgulho e pela virilidade¹⁴. Não é por acaso que, num fragmento póstumo da mesma época, ele expressa com clareza sua avaliação: “Não valorizo em demasia a sorte de ter nascido entre os alemães e talvez considerasse a vida com maior satisfação se fosse espanhol”¹⁵.

Assim como a Espanha está presente nos escritos de Nietzsche, ele está presente nos textos de filósofos, literatos e políticos daquele país. Lembremos de dois momentos cuja repercussão entre nós são de extrema importância.

No final do século XIX, movidos por um desejo de europeização, os espanhóis são levados através das relações que estabelecem com os franceses a tomar conhecimento do autor de *Zaratus-*

¹³ *Fragmento póstumo* 29 [64] do verão-outono de 1873, KSA 7.657.

¹⁴ *Fragmento póstumo* 25 [419] da primavera de 1884, KSA 11.122.

¹⁵ *Fragmento póstumo* 29 [232] do verão-outono de 1873, KSA 7.723.

tra; graças ao movimento modernista de Barcelona e à curiosidade dos escritores catalães, o filósofo começa a ser considerado na Espanha. Então, dentre os primeiros que entram em contato com seu pensamento, alguns o veem como um “anarquista intelectual”, fato esse que não deixa de provocar aversão ou fascínio¹⁶. Ora, já nos anos de 1910, as ideias de Nietzsche despertam interesse no Brasil. Aqui chegam, provavelmente, através do movimento anarquista europeu e, em particular, do espanhol, que toma o filósofo por um pensador dos mais revolucionários. E sua obra deixa marcas em romances e contos brasileiros de teor anarquista.

No final do século XX, colegas espanhóis que se dedicam à história da filosofia voltam sua atenção para o pensamento nietzschiano. No ano 2000, fundam a SEDEN — Sociedade Espanhola de Estudos sobre Friedrich Nietzsche; criam a revista *Estudios Nietzsche*; realizam importantes estudos acerca ou a partir da filosofia nietzschiana. E abraçam a tarefa de traduzir as obras completas do filósofo, dos livros publicados aos fragmentos póstumos, assim como a sua correspondência. À diferença de projetos similares que tiveram lugar na França ou no Brasil, desta feita é o mesmo grupo de tradutores que assume a incumbência. Com seriedade e rigor, preocupam-se em fazer escolhas terminológicas que permitam traduzir de modo uniforme os conceitos presentes nos diferentes textos. Ora, o trabalho que realizam é, sem dúvida, de grande valia para os estudiosos brasileiros.

Não há dúvida de que as diferentes iniciativas dos pesquisadores espanhóis ligados à SEDEN constituem um novo marco na recepção espanhola do pensamento nietzschiano. Em diversas circunstâncias, procurei introduzi-los na nossa cena acadêmica, publicando em primeiríssimas versões alguns dos ensaios aqui reunidos. Neste volume, tenho a satisfação de trazer ao público brasileiro trabalhos que expressam novas linhas de pesquisa por eles adotadas.

¹⁶ Cf. SOBEJANO, Gonzalo. *Nietzsche en España*. Madrid: Editorial Gredos, 1967, em particular p. 33.

CAPÍTULO 1

Nietzsche na Espanha¹

Marco Parmeggiani
Fernando Fava

¹ Tradução de Luís Rubira e Wagner França. Revisão técnica de Scarlett Marton.

A recepção de Nietzsche na Espanha tem sido, desde o início do século XX, muito peculiar e intensa. Diferentemente de outros países, quase não houve recepção acadêmica até os anos de 1970, quando a universidade e diversos círculos acadêmicos começaram a estudar a sua obra a partir da perspectiva científica da história da filosofia. Nem por isso a recepção e a absorção do pensamento nietzschiano foram menos intensas; mas poderíamos dizer, inclusive, o contrário, caso atentemos para o fato de que a recepção não se dava sob o ponto de vista objetivista e “desinteressado” da ciência acadêmica, mas sob aquele abertamente comprometido e envolvido pela criação literária ou filosófica. O imprescindível livro de Sobejano² mostra perfeitamente a intensa utilização do pensamento nietzschiano, que numerosos autores literários e filosóficos espanhóis fizeram, embora na maioria das vezes de maneira dissimulada e disfarçada, ainda que não menos efetiva. Assim, nos autores da Geração de 1898, como Unamuno, Azorín e Machado, e os novecentistas como Ortega y Gasset e Eugenio D’Ors; na geração de 1927 etc. Mesmo em autores “acadêmicos”, que chegaram a representar momentos de autoridade intelectual na universidade espanhola, como Ortega y Gasset³, a assimilação de Nietzsche somente chegou até suas atividades acadêmicas de maneira sub-reptícia, mas nunca como tema de publicação. Ou seja, se tornamos agudo o nosso olhar, nessa carência de recepção acadêmica, podemos descobrir, ao invés de um aspecto negativo, um aspecto positivo da cultura espanhola: Nietzsche foi entendido, desde o primeiro momento e durante várias décadas, de maneira completamente vitalista, isto é, desde a pura dimensão existencial da atividade criadora e do interrogar que questiona a raiz de todas as dimensões da experiência pessoal, da cultura e da natureza. Mais que em nenhum outro lugar, nunca pôde ser objeto de estudo acadêmico por causa do excessivo zelo em entendê-lo como um vitalista ou um existencialista radical, no qual todos os pensamentos

² SOBEJANO, G. *Nietzsche en España*. Madri: Gredos, 1967, reeditado em 2009.

³ Já o primeiro ensaio de Ortega y Gasset, *La rebelión de las masas*, constitui um admirável desenvolvimento, atual e inovador, de várias ideias nietzschianas acerca do “rebanho” e das “elites”.

somente adquirem e permanecem imbuídos de sentido enquanto sigam ligados à existência única e singular do indivíduo.

A este elemento acrescenta-se o da censura na época do franquismo e sua inclusão na lista de livros “não recomendados” por parte da Igreja Católica. Por isso, os inícios dos estudos nietzschianos coincidem, na Espanha, com o afrouxamento da censura no final do período franquista; de certo modo, deu um toque característico a essa época tão carente de renovação, de novos ares, da transição espanhola à democracia.

O objetivo deste trabalho é fazer uma “história da crítica” dos estudos nietzschianos na Espanha, a partir da década de 1970. Tendo presente duas diretrizes: por um lado, o foco nos estudos das obras que de modo “científico” se ocuparam em analisar e interpretar o pensamento nietzschiano, deixando de lado as influências ou a utilização de Nietzsche por criadores literários ou filosóficos; por outro lado, a começar com a década de 1970, pois o período anterior se encontra perfeitamente resumido e analisado no livro de Sobejano, enquanto o período posterior somente foi objeto de bibliografias e não de um estudo completo. O ressurgimento e a disseminação dos estudos nietzschianos foram suficientemente importantes para oferecer ao estudioso um material de estudo muito extenso e variado, o qual é muito difícil de ser revisado atentamente no estreito limite de um capítulo de livro.

1. Ressurgimento do interesse por Nietzsche nos últimos anos do franquismo (década de 1970)

O livro coletivo *En Favor de Nietzsche*⁴ representou, no fim do franquismo, o ressurgimento público de um autor condenado pela ortodoxia pseudorreligiosa do regime. Já pelo título, aparecia este livro sugerindo que se tratava, na verdade, de um manifesto a favor de certa

⁴ TRÍAS, E., SAVATER, F., NORIEGA, S. G., FERNÁNDEZ-FLOREZ, P. GONZÁLEZ, A., BARCE, R., ECHEVERRÍA, J., SÁNCHEZ PASCUAL, A. (orgs.). *En favor de Nietzsche*. Madri: Taurus, 1972.

maneira de entender o pensamento e a vida, que para isso necessita romper proibições, tabus e maldições. No livro destacaremos, pela importância que vieram a ter posteriormente, os trabalhos de Eugenio Trías, Fernando Savater, Ramón Barce e Andrés Sánchez Pascual.

O estudo de Eugenio Trías⁵ oferecia uma primeira aproximação original ao filosofar empregado por Nietzsche ao longo de sua vida. Visto trinta anos depois, o trabalho mostra a influência da filosofia francesa da diferença, sobretudo da obra de Deleuze, da qual Trías tomou alguns conceitos, ideias e referências, mas para reutilizá-los de forma distinta e pessoal. O estudo de Trías já possuía as características de suas obras posteriores, de modo que era mais ensaístico e intuitivo do que acadêmico e analítico. Mas colocava na mesa uma série de pontos cruciais do pensamento nietzschiano. Em primeiro lugar, para caracterizar o método nietzschiano Trías se preocupou em determinar o objetivo polêmico contra o qual estava dirigido: o sistema, que Trías reinterpretava e iluminava mediante o conceito de “discurso”. Por isso começava o estudo com algumas observações pontuais sobre o sistema kantiano da razão pura, colocando a descoberto as zonas de vazio, os silêncios, que o “discurso” tentava “cobrir” mediante remendos, e que a crítica pretendia trazer à luz com seu trabalho de escavação. O método nietzschiano é, portanto, em primeiro lugar, um método crítico, como havia sido o kantiano, mas cujo objetivo, ao contrário deste, não era construir um sistema transcendental, mas sim o de pôr em questão todo o sistema. Em segundo lugar, o método crítico nietzschiano difere do kantiano na medida em que este persiste em manter-se sempre ao nível do discurso, evitando a todo o momento sair dele, enquanto o método nietzschiano busca remeter o discurso para aquilo que o ultrapassa e que aflora nos interstícios de suas brechas, de seus silêncios: os acontecimentos. Retomando uma ideia de Deleuze, Trías acredita ver no “modo de perguntar” a peculiaridade do método nietzschiano: passar da pergunta o “quê?”, para a pergunta “quem?”. O “quem” remete aos acontecimentos que permeiam e fundam o discurso, mas que o discurso tenta cobrir com remendos

⁵ TRÍAS, E. “De nobis ipsis silemus”. In: *En Favor de Nietzsche*, op. cit., p. 9-34.

a cada momento. Trías mostrou muito bem como, para poder desenvolver esse perguntar, era necessário a Nietzsche que seu método fizesse da dêitica seu elemento último. Não se tratava ainda, como no discurso, de desenvolver formas e enquadrá-las na realidade, mas sim de conduzir o pensamento até o limite no qual, deiticamente, assinala-se aquilo que o excede: os acontecimentos.

Finalmente, o método nietzschiano consegue reintroduzir os acontecimentos mediante um procedimento de representação. Desse modo, Trías propõe interpretar a ambiguidade do estilo nietzschiano, que tantos problemas tem causado aos intérpretes, devido a suas metáforas e fragmentação, como consequência de uma representação do pensamento, que, através de personagens, paisagens e afetos, tenta transbordar o discurso filosófico em todas as suas margens. A hipótese da representação pretende deixar patente que o estilo não é, em Nietzsche, uma roupagem para o pensamento, mas sim a maneira mais efetiva de trabalhá-lo internamente.

O trabalho de Savater⁶ supôs uma antecipação, belamente resumida, de sua obra posterior sobre Nietzsche, assim como a apresentação pública de um pensador dotado de uma capacidade nada habitual para a expressão direta e original, despojada de todo o medo de causar polémica. Esta insufla um renovado vigor ao pensamento que, através dela, é transmitido. Savater também afrontava, de certo modo, o problema hermenêutico do estilo nietzschiano, posto que a forma que adota neste seu primeiro resumo do pensamento de Nietzsche responde às dificuldades já mencionadas. Se uma das grandes dificuldades na interpretação e na exposição do pensamento nietzschiano é a linguagem, a maneira mais adequada de aproximar-se dele, em uma primeira tentativa, é fazer um percurso por suas principais expressões, por ordem simplesmente alfabética, buscando não somente analisar o conceito, mas destacar as principais ideias e conexões, muitas vezes as mais perturbadoras e polémicas, contidas nessas expressões. O acerto de Savater está em evitar a ambiguidade ou o equívoco que tornam tão cômodo o

⁶ SAVATER, F. "Cincuenta palabras de Federico Nietzsche". In: *En favor de Nietzsche*, op. cit., p. 177-196.

pensamento nietzschiano, mas conservando, ao mesmo tempo, o livre jogo de sentidos de sua linguagem trópica. Parece que naqueles anos do fim da ditadura, Savater queria oferecer, mais do que um trabalho acadêmico de história da filosofia, um manual nietzschiano de luta ideológico-política. Um manual no sentido foucaultiano, como uma caixa de ferramentas, configurada ao modo de um catálogo ordenado no qual o leitor pudesse encontrar rapidamente, conforme a necessidade do momento, a ferramenta mais adequada. E não para seguir avançando no conhecimento crítico-historiográfico do autor, mas sim para a resistência ativa diante das codificações ideológicas. Daí se entende a carência no texto de quase todo o aparato erudito, até o ponto de não oferecer a referência detalhada dos textos nietzschianos que aparecem citados abaixo de cada expressão.

O trabalho de Ramón Barce⁷ possui um interesse de destaque. Primeiro por quem é o seu autor: um dos compositores espanhóis mais importantes da segunda metade do século XX, profundo analista de estética musical e de questões históricas e teóricas da música. Em segundo lugar, porque graças a essas bases, é um dos poucos trabalhos, ainda hoje em dia, que discute a estética musical de Nietzsche desde a perspectiva estritamente da música, confrontando-a com a história da música e suas formas, aquela anterior e também posterior a Nietzsche, com a perspectiva dos desenvolvimentos do século XX, com as quais o autor, tal como o fez Nietzsche em sua época, sente-se comprometido.

Ao final do livro, Sánchez Pascual oferecia ao leitor⁸ a primeira tradução espanhola das principais poesias de Nietzsche, segundo o texto crítico da edição Colli-Montinari. Essa tradução vinha acompanhada de uma análise crítico-estilística que, pela primeira vez, mostrava uma imagem muito mais proteica de Nietzsche.

Poucos anos depois, a obra que Savater⁹ dedicou ao filósofo alemão, acabou por se converter em um clássico, desde o momento

⁷ BARCE, R. "Cuestiones musicales a cien años de distancia". In: *En favor de Nietzsche*, op. cit., p. 133-176.

⁸ SÁNCHEZ PASCUAL, A. "Las poesias de Nietzsche". In: *En favor de Nietzsche*, op. cit., p. 201-244.

⁹ SAVATER, F. *Conocer a Nietzsche y su obra*. Barcelona: Dopesa, 1977, reeditado e bastante ampliado em Barcelona: Ariel, 2001.

de sua aparição; ela conseguia reunir a vida e obra de Nietzsche de maneira clara, simples e sugestiva. Uma proposta de leitura que introduz o público hispânico nas intempestivas problemáticas nietzschianas, aspirando, por sua vez, a elucidar quais deveriam ser as características de uma autêntica existência filosófica nos tempos modernos. Uma proposta de leitura que não renuncia à paixão, nem pretende edificar-se sobre qualquer rígido *columbarium* objetivista. Vital, apela mais para a intimidade do leitor do que para sua cultura ou entendimento.

De caráter e formato para divulgação¹⁰, a obra é construída a partir do conhecimento da bibliografia da época, explicitando e orientando o leitor na problemática das diversas traduções¹¹ dos escritos nietzschianos, e assinalando os principais comentadores traduzidos para o espanhol.

Advertindo, explicitamente, a força intempestiva dos enfoques de Nietzsche para o leitor receptivo, e sem pretensão de aplanar nem predicar o pensamento nietzschiano, recorre-se aos antecedentes intelectuais e às principais obras do autor alemão à luz de

¹⁰ Este trabalho prolongava o projeto de divulgação pedagógica da obra de Nietzsche, que o autor já havia iniciado anteriormente com a antologia de textos *Friedrich Nietzsche: Inventario* (Madri: Taurus, 1973), a qual agrupa diversos textos, segundo amplos critérios, com quase exclusiva atenção ao gosto pessoal e sem pretender sistematizações. Resgatando aqueles fragmentos que mais tinham *ajudado* pessoalmente o autor e sublinhando como o essencial de sua leitura a provocação, leva-se a termo uma seleção de texto mediada pela leitura da recepção francesa da obra de Nietzsche (Cioran, Granier, Bataille, Deleuze, Foucault, Klossowski). Apresenta-se como uma filosofia produto dos humores, como uma soma de atitudes de escassa pretensão filológico-histórica: “não podemos levantar a leitura essencial de Nietzsche a partir de si mesmo, *mas sim a partir de nós*. Em nossos dias, Nietzsche aparece entre nós como um catalizador das perplexidades que são causa de nossas obsessões; com uma fascinação equívoca nos atrai e nos repele, nos rebaixa e nos exalta; soterra-nos, causa-nos indignação, mas sempre nos *interessa*” (ibid. p. 11). Com referência à recepção acadêmica da obra nietzschiana, o autor observa que, embora Nietzsche figure nos manuais de maneira breve, seu caráter intempestivo o impossibilitaria de entrar na academia (cf. ibid. p. 13).

¹¹ O autor constrói o texto tanto a partir das *Obras completas*, em cinco tomos, traduzidas por E. Ovejero e Maury, como das traduções de Andrés Sánchez Pascual (*Ecce Homo, La genealogia de la moral, El nacimiento de la tragédia, Más allá del bien y del mal, Así habló Zaratustra, El Anticristo, El crepúsculo de los ídolos*), segundo a edição crítica Colli-Montinari.

sugestivas notas biográficas. Assim, o texto penetra gradualmente no que poderíamos chamar de “a problemática nietzschiana clássica”: “a morte de Deus”, “a vontade de potência”, “o eterno retorno”, “o além-do-homem” e o “ideal cristão”, desde uma metodologia que consiste em contextualizar cada problema explicitando seus antecedentes histórico-conceituais para, em seguida, mostrar as originais contribuições nietzschianas e apontar suas derivações no terreno epistemológico, linguístico, político-social ou religioso.

Desse modo, assistimos aos primeiros intentos de difusão do pensamento nietzschiano desde a Espanha, a um exercício de filosofia prática a partir de tais aportes e apoiado nos textos do autor.

2 Difusão dos estudos nietzschianos (década de 1980)

A personalidade heterodoxa do pensador alemão, a quase impossível sistematização de seus escritos e a novidade de sua transvaloração de todos os valores, principalmente imperceptível e não compreendida por muitos, tinham justificado amplamente os corajosos esforços de Savater por introduzir, apresentar e oferecer as primeiras ferramentas adequadas para a abordagem de uma obra atípica em tempos desfavoráveis. Vontade que se vê solidificada em 1986, graças aos esclarecedores aportes de Remedios Ávila Crespo, dados a conhecer com a publicação de *Nietzsche y la redención del azar*¹², com que se estabelecem os primeiros delineamentos para uma recepção acadêmica gradual e progressiva da obra de Nietzsche.

Apresenta-se, assim, o itinerário de uma filosofia que parte de uma consideração da vida sob categorias fundamentalmente estéticas, com a caracterização da concepção trágica do povo grego, até a proposta da ação comprometida que se explicita com base no conceito de *vontade de potência*. Roteiro que, por sua vez, desenvolve seu próprio e original método — a genealogia —, o qual

¹² ÁVILA CRESPO, R. *Nietzsche y la redención del azar*. Granada: Universidad de Granada, 1986.

permitirá a Nietzsche não somente construir a crítica ao sistema de valores propostos em sua época, mas também submeter à análise o seu próprio. Este método está latente na elaboração de suas primeiras obras e irá sendo constituído, paulatinamente, a partir de sua concepção do “positivismo” e de sua peculiar maneira de entender a “psicologia”. Assim, mediante esse procedimento se distanciará progressivamente do paradigma schopenhaueriano do “mundo como vontade e representação”, substituindo-o pelo propósito de ater-se única e exclusivamente ao fenomênico, ao “positivo”, e pela desconfiança em todo juízo de valor estabelecido e aceito, na certeza de que neles se pode escrutinar “psicologicamente” as peculiaridades daqueles que os subscrevem, suas intenções e seus temores; e não mais num fundamento transmundano.

Ávila Crespo inicia uma linha investigativa cuja proposta metodológica e elucidação conceitual serão continuamente referenciadas pelos diferentes estudiosos da obra do filósofo alemão. Dando por assentada a vigência ou a atualidade do pensamento nietzschiano na Espanha, ela supera a exposição propedêutica e convida ao compromisso de desenvolvimento do trabalho acadêmico da especialização.

Neste caso, a elucidação do conceito de trágico permitirá estabelecer as chaves de interpretação de um conceito importante na obra de Nietzsche, que tem sua origem no *Nascimento da Tragédia* e permanece quase inalterado durante a sua obra, tal como adverte o próprio Nietzsche em várias ocasiões, e que se relaciona estreitamente com o conceito de vontade de potência, incorporado à sua filosofia na obra mais transpassada pelo *pathos* trágico, e que marca, também, a maturidade de seu pensamento: *Assim falava Zaratustra*. Entre estas duas obras ou etapas do pensamento nietzschiano se constrói o original empreendimento da transvaloração, que vai da reflexão à ação, da teoria à prática, da preocupação estética à proposta ética, e vice-versa. Etapa que estará mediada pela destruição de alguns valores, cuja validade essencial vem dada pela figura de Sócrates, o cristianismo e a cultura alemã. Pontos de referência cuja evolução e decadência marcaram o ritmo da configuração e do desenvolvimento do trágico.

Que tal continuar a leitura?

Adquira já o seu exemplar!



Comprar

Clique no ícone azul 